



Sinais dos Tempos, uma questão hermenêutica

Signs of the Times, a hermeneutical issue

FRANCISCA CIRLENA SUZUKI^a

Resumo

Com alegria e esperança, lança-se luz sobre os problemas do mundo, através da *Gaudium et Spes*, uma Constituição Pastoral. De modo simples, a Igreja Católica olha com naturalidade o que a humanidade enfrenta nos âmbitos da vida, sejam eles econômicos, políticos e/ou sociais. O olhar da Igreja Católica Apostólica Romana se voltou para as misérias humanas, em sua concretude, durante anos de discussões em conferências, aulas e muito estudo dentro do Concílio Vaticano II sob o título de os *Sinais dos Tempos*. Embora o termo tenha percorrido um longo caminho e recebido muitas reelaborações, contando muitas idas e vindas em busca de um entendimento para esse termo aplicado ao mundo. Ainda assim, estabelecem-se indagações a respeito de sua hermenêutica: o que teria demandado tantas reflexões dos Padres Conciliares sobre a interpretação do termo *Sinais dos Tempos*? Teria sido a dificuldade encontrada em articular os significados dos *Sinais dos Tempos* do Papa João XXIII com os *Sinais dos Tempos* do Evangelho (Mt 16,3)?

Palavras-chave: *Sinais dos Tempos*. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. Vida e esperança.

Abstract

With joy and hope, they throw light onto the world's issue through the Gaudium et Spes, a Pastoral Constitution. The Church naturally watches the humanity in order to see what the human being faces in their social, economic and political life. The gaze of the Roman Catholic Church turned to the human miseries in its concreteness during years of discussions in conferences, classes and lots of studies within the Second Vatican Council about the Signs of the Times. Although, the term has come a long way and received many re-works in order to seek the comprehension for that term applied to the world. Still, some questions are raised about its hermeneutics: what would have required so many reflections of the Council Fathers

^a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil. Mestre em Teologia, e-mail: cirlenesuzuki@hotmail.com

on the interpretation of Signs of the Times? Would it have been due to the difficulty in articulating the

Signs of the Times in Gospel Mt 16.3 with the Signs of the Times used by Pope John XXIII?

Keywords: *Signs of the times. Pastoral Constitution Gaudium et Spes. Life and hope.*

Introdução

Este artigo pretende mostrar a trajetória do termo *Sinais dos Tempos*, mais especificamente em dois momentos, com um salto cronológico de dois milênios. Diferentes momentos com contextos muito particulares, que, ainda assim, podem convergir para o mesmo sentido, ou seja, com um olhar para a vida humana. Apresentar o significado de sinais dos tempos nas respostas de Jesus, em narrativas bíblicas, nas quais constam discursos diretos, entre Jesus Cristo e alguns de seus interlocutores, os quais buscavam interrogá-lo. Muitos séculos depois, em meados do século XX, ouve-se a voz do Papa João XXIII a usar o mesmo termo, *Sinais dos Tempos*. A voz de João XXIII ecoou na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), o que abriu possibilidades para um diálogo da ICAR com o mundo de sua época, sobre as coisas do mundo. Nesses dois momentos, poder-se-ia dizer de uma hermenêutica¹ que se aproxima e se distancia da compreensão do termo, dependendo do ponto do qual se lança o olhar. “A visão torna o mundo uma janela, mas percebemos que há outras dimensões igualmente básicas do olhar”². A intenção deste artigo não é fazer exegese das narrativas bíblicas citadas, mas apontar para um termo usado por Jesus Cristo, pela Igreja Católica e pela sociedade hodierna.

Este texto está pensado e escrito em três dimensões: a) um olhar para as Sagradas Escrituras através de uma análise feita por Clodovis Boff no livro “Sinais

¹ “Ricoeur intenta propor uma teoria englobante da hermenêutica dos textos que vale também para a linguagem religiosa (ver *De l'interprétation. Essai sur Freud*, p. 13). Para ele, interpretar um texto não se limita nem a captar a intenção do autor (ver “*Herméneutique philosophique et herméneutique biblique*” [...] ou o pano de fundo histórico do texto [...]. Segundo Ricoeur, a interpretação tem por fim compreender o “mundo” literário e teológico desenvolvido no texto”. Ver Ricoeur, Paul. *A hermenêutica bíblica*. p. 22.

² Mendonça Tolentino, José. *A mística do instante* p. 25.

dos Tempos” — Princípios de Leitura. Análise feita com o intuito de ir ao encontro do significado do termo *Sinais dos Tempos* tanto nos evangelhos, como no mundo; b) um olhar para o Concílio Vaticano II, pontualmente, onde se faz uso da mesma expressão *Sinais dos Tempos* com o desejo de acompanhar o caminho que o termo percorreu nas discussões motivadas pelos assuntos relativos aos problemas do mundo, os quais teceram o texto da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*; c) um olhar mais atual de teólogos, filósofos e do Papa Francisco. Sempre na tentativa de seguir o termo na perspectiva de perceber sua carga de significados deixada em cada olhar. A expressão evangélica *Sinais dos Tempos* (ST) foi usada e valorizada pelo Papa João XXIII. Este que foi considerado um “catalisador histórico”, ofereceu o respaldo necessário para que as discussões sobre os ST durante o Concílio Vaticano II (1962 a 1965) tivessem seu “ponto de eclosão”³. No processo de preparação do texto, que mais tarde tornou-se a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* — GS, a “Comissão de coordenação mandou preparar um esquema sobre a atitude da Igreja perante os problemas do mundo atual”⁴, o qual foi chamado de Esquema 13. Destarte, nesse concílio o termo ST encontrou espaço para a ampliação de seu significado na GS, a qual vai dizer em sua introdução que é dever da Igreja por sua missão, “investigar a todo momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho”⁵. A leitura dos *Sinais dos Tempos* era e é uma leitura do mundo contemporâneo de diversas épocas. Para iniciar uma delimitação do que queremos entender por ST, podemos começar pelas inquietações dos interlocutores de Jesus Cristo, quando queriam dele um sinal, uma prova para que n’Ele acreditassem. Na época de Jesus, os fariseus pediam sinais extraordinários. “O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os *Sinais dos Tempos*, não sois capazes!” (Mt 16,3)⁶. Em seu tempo, o Papa João XXIII detectou as “guerras sangrentas, ruínas espirituais, progresso científico”⁷ e chamou de sinais.

³ CONGAR, Y. Église et monde dans la perspective de Vatican II. Apud : BOFF, C. *Sinais dos Tempos*. p. 43.

⁴ Cf. nota de rodapé do Proêmio da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje.

⁵ Ver Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* na Introdução da Condição do homem no mundo de hoje.

⁶ Ver análise exegética mais detalhada em Boff, Clodovis. *Sinais dos Tempos*. p. 9-28.

⁷ Boff, C. *Sinais dos Tempos*. p. 44.

Passados, pelo menos, quinze anos do término do Concílio Vaticano II, Clodovis Boff — em “Sinais dos Tempos”, princípios de leitura — mostra uma análise sobre a significação dos ST em três áreas: nas Sagradas Escrituras, no Vaticano II e nos estudos teológicos de vários autores. A análise exegética⁸ traz um paralelo dos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas), sem deixar para trás o evangelho segundo João. Em todos os textos, encontram-se interpelações a Jesus de Nazaré vindas da parte dos Fariseus, Escribas, Saduceus e outros. Os interlocutores de Jesus pediam um sinal a ele, alguns deles bem específicos, sinais que viessem do céu, para que pudessem acreditar em sua messianidade.

Segundo, Boff, na Congregação de 4 de dezembro de 1962, o cardeal Suenens declarou: “O mundo espera que a Igreja resolva as grandes questões desse tempo” e cita uma lista: “dignidade da pessoa humana, justiça social, evangelização dos pobres e a paz internacional”⁹. Na mesma época, dias antes, Dom Helder Câmara fala aos jornalistas no Rio de Janeiro sobre uma comissão para estudar as relações entre países industrializados e regiões subdesenvolvidas sem voz mundial. Curioso perceber no avanço da história, muitos grupos surgirem, a maioria ligada à ONU. O G77 surge em 1964, “os representantes dos principais países emergentes no Hemisfério Sul”, reúnem-se com “o objetivo de promover o desenvolvimento e aumentar o poder de barganha ao articular os interesses econômicos desses países dentro dos fóruns da ONU”¹⁰. De alguma maneira, Dom Helder, grande teólogo profeta, olhando para a sociedade, pensou que algum dia pudesse existir uma comissão com a finalidade de discutir os problemas do mundo.

O tempo transcorre e a partir de 2013 a Igreja “ganha” um Sumo Pontífice, o qual vai olhar para o mundo de forma muito particular e, ao mesmo tempo muito abrangente, pois traz consigo experiências num contexto de teologia do povo, de

⁸ Ver análise exegética em Boff, C. *Sinais dos Tempos*. p. 9-39.

⁹ BOFF, C. *Sinais dos Tempos*. p. 47.

¹⁰ Os Gs são grupos de Estados que se reúnem para estreitar suas relações multilaterais, abordando temas como políticas militares e estratégias econômicas, de acordo com o interesse e influência dos países participantes. Esses encontros costumam ser anuais e podem ou não ter vínculo com a ONU (Organização das Nações Unidas). Além do G20, o mais conhecido, existem mais 8 grupos de países que se reúnem para debater temáticas de interesse comum. G4 G5 G7 G8 G10 G15 G20 G24 G77. Cf. <<https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/09/02/G20-G8-G4-o-que-s%C3%A3o-esses-grupos-e-quem-integra-cada-um-deles>>.

um povo que deseja ser sujeito histórico. Francisco alarga essa vivência para o mundo, rompe com protocolos e faz de seu ministério testemunho para o mundo. Francisco enxerga os *Sinais dos Tempos* e escreve sobre eles, mas não fica na letra, com gestos e à luz do evangelho rompe preconceitos, cria possibilidades de diálogo inter-religioso, exorta toda a Igreja a evangelizar.

Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro das ovelhas”, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar” (EG)¹¹.

Examinando as Sagradas Escrituras

A interpelação a Jesus está sempre no horizonte de uma esperança escatológica, em um momento em que a corrente apocalíptica estava em alta, dentro de um contexto histórico de muito sofrimento e desconforto, momento de espera por um messias que provasse a eles que tinha poder e glória para tirá-los do sofrimento e fazê-los viver a felicidade plena. As respostas de Jesus em cada um dos evangelhos (Mt 12,38-40; Mt 16,1-4; Mc, 8,11-12; Lc 12,54-56; Jo 2,18-19; Jo 6,30) têm sempre o mesmo tom, Jesus cita o profeta Jonas como sinal, chama aqueles que o interrogam de “geração má”, pois são de uma geração adúltera e que ainda exige sinais. De fato, os interlocutores não conseguem escutar a palavra de Jesus dita a eles, que são capazes de interpretar o aspecto da terra e do céu, pois, sabem dizer se vai chover ou se fará sol, no entanto, não sabem discernir o “Tempo Presente” (cf. Mt 16,1-4). Continuam pedindo um sinal. No evangelho de João — “Que sinal realizas, para que vejamos e creiamos em ti? Que obra fazes? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes pão do céu a comer” (Jo 6,30-31) — este diálogo deixa ainda mais claras as respostas de Jesus, quando diz aos judeus que o sinal apresentado por eles, atribuído a Moisés, não era de Moisés, em referência ao maná¹² que alimentou os Israelitas no deserto, mas de Deus-Pai, que lhes enviou o alimento material. De fato, o pão veio do céu, primeiro para alimentar o corpo e depois para a salvação da humanidade. O próprio Jesus diz: “Eu sou o pão

¹¹ Cf. EXORTAÇÃO APOSTÓLICA do Sumo Pontífice Francisco. *Evangelii Gaudium* n. 24.

¹² O maná encontra-se nas narrativas das tradições do êxodo em Ex 16,4, alimento que vem do céu.

da vida” (Jo 6,35) “pois desci do céu” (Jo 6,38). “‘Sinal do céu’ implica, na linguagem da apocalíptica, um sinal provindo do alto, pelo qual Deus intervém de modo retumbante, espetacular, e que, por isso, não deixa mais lugar a dúvidas. É esse gênero de prova, absolutamente imponente, que os interlocutores intimam Jesus a dar”¹³. Contudo, os interlocutores de Jesus não o compreendiam, não enxergavam em Jesus o próprio *Sinal dos Tempos*.

Aqueles que ouvem Jesus pedem um sinal, não porque Jesus já não tivesse dado alguns. A propósito, Jesus havia realizado recentemente a cura de um endemoniado e a multiplicação dos pães. Então, não é que Jesus não estivesse realizando sinais, ele estava. Entretanto, seus sinais não estavam sendo compreendidos ou estavam sendo mal interpretados. Por que esses sinais não valiam? Por que queriam outros? A questão toda poderia estar nos interlocutores de Jesus. A multidão que o seguia havia entendido muito bem a multiplicação dos pães, quem não a entendeu como sinal foram os Fariseus, os Escribas, os Saduceus, os judeus e outros que o texto não explicita. Esses tinham uma razão de base para colocar Jesus à prova, queriam que Jesus caísse no descrédito, por isso pedem os sinais dos céus. Contudo, o que pode ser refletido aqui é a questão da cegueira dos doutores da lei, que não se abriam para fazer a leitura dos “Sinais dos Tempos”. Estavam presos às tradições, queriam que Jesus desse os sinais do “Dia do Senhor” na iminência do fim. Ainda mais, Jesus não os agradava, pois, denunciava uma falsa justiça e essa mentalidade podia afetá-los. Os interlocutores de Jesus estavam com os corações endurecidos, lembrando aqui, os tantos sinais que o coração do Faraó recebeu no evento Êxodo e não pode compreendê-los.

A comunidade primitiva viveu em um contexto apocalíptico, época em que os profetas haviam saído de cena e, então, nasceu uma mentalidade de saudade do passado e esperança de um futuro utópico, o que deixa transparecer as entrelinhas dos textos evangélicos. “A literatura apocalíptica lançava suas raízes na grande tradição profética, mas teve sua idade de ouro no século que antecedeu e no que se

¹³ Boff, C. *Sinais dos Tempos*. p. 20.

seguiu ao nascimento de Jesus. Ela veiculava, portanto, a mentalidade reinante, não única, no tempo de Jesus”¹⁴.

Nas comunidades primitivas, por viverem em época apocalíptica, a preocupação com o tempo presente era reduzida, colocando-se os sentidos na mira do devir. Essa articulação entre passado e presente vai acontecer pela fé em Jesus Cristo. “O ponto (dogmático) que permitiria essa articulação entre fidelidade ao passado e atenção ao presente, talvez, possa ser a confissão de fé em Jesus Cristo: o Jesus da História e o Cristo da Contemporaneidade permanente”. Entretanto, a problemática que persiste é a da interpretação teológica sobre o presente e que não seja simplesmente ética (valores), mas hermenêutica (sentido), diz Boff¹⁵. Compreende-se pelos estudos feitos por Clodovis Boff que os *Sinais dos Tempos* é o próprio Jesus, “digamos que os “*Sinais dos Tempos*” são as obras de Jesus. Jesus mesmo é o grande sinal da era escatológica, como entendeu logo depois a Comunidade Primitiva”¹⁶.

O olhar do Concílio

Quase dois mil anos depois da interpelação junto a Jesus sobre os sinais, o Papa João XXIII olha para o mundo em que vive e faz um diagnóstico político, econômico e social, conceituando essa análise como *Sinais dos Tempos*. Caberia aqui fazer uma análise etimológica das palavras ‘sinal’ e ‘tempo’ que pudesse justificar o uso da expressão *Sinais dos Tempos* tanto para os contemporâneos de Jesus Cristo, quanto para a conjuntura dos anos em que viveu João XXIII em seus últimos dias de papado. No entanto, este texto não tem esse propósito.

Em determinado momento da história, por uma bula papal “*Humanae salutis*”, João XXIII convocou por volta de 2000 prelados, cardeais, bispos, sacerdotes e alguns leigos à participação do Concílio Ecumênico Vaticano II, o qual foi inaugurado em 11 de outubro de 1962, pelo referido pontífice, e encerrado em 08 de dezembro de 1965, por Paulo VI. João XXIII falecera logo após a primeira sessão do Concílio. Feita essa pequena introdução sobre o CVII, passemos ao assunto que,

¹⁴ Ibidem, p. 19.

¹⁵ Ibidem, p. 38.

¹⁶ Ibidem, p. 27.

dentre tantos outros foi debatido nas conferências e aulas durante o concílio — fase preparatória dos textos conciliares. Os assuntos pertinentes aos *Sinais dos Tempos* foram discutidos exaustivamente, pois, o tema trouxera muitos embates devido à dualidade com que se tratou tal expressão. As análises feitas por Clodovis Boff em seu livro que leva o mesmo nome “Sinais dos Tempos” nos ajudará a refletir e atualizar a questão dos “problemas do mundo” na visão da ICAR na década de 1960. Após quatro anos de estudos e discussões, foi elaborada a Constituição Pastoral, chamada *Gaudium et Spes* (GS). Nesta, não se têm muitas vezes citadas a expressão *Sinais dos Tempos* (ST), mas o texto é totalmente perpassado pelos problemas do mundo.

A decisão de se redigir uma Constituição Pastoral no Concílio Vaticano II não se deu tão naturalmente, pois, o concílio ecumênico tinha como meta e maior competência estudar e progredir nas discussões sobre os princípios dogmáticos, considerados mais importantes¹⁷. Um documento tratando de temas concretos, já esboçados como “problemas atuais” ou ST, acabou por gerar certo desconforto para uma parte da “consciência eclesial”. Mesmo assim, a Comissão Teológica e a Comissão do apostolado dos leigos se juntaram, formando uma comissão mista. Esta comissão mista, em janeiro de 1963, iniciou um trabalho sobre as discussões entorno dos problemas do mundo, ou seja, dos ST, muito embora não se colocasse tão claramente o “inventário dos problemas da época” sob esse título/categoria. Destarte, *Sinais dos Tempos* (ST) tornou-se um termo genérico, sinônimo para “os problemas atuais” ou “questões de nosso tempo”. A leitura da história era “lírica, otimista, ingênua”, por conseguinte essa leitura fica marcada na *Gaudium et Spes* e G. Luka’cs, então, questiona: “era a esse grau de consciência”¹⁸ que a igreja podia chegar?

Biblistas, no decorrer das discussões internas, durante o CVII, criticaram o uso da expressão ST como meio para relatar eventos meramente humanos, pois, ST no Novo Testamento tem sentido messiânico-escatológico, logo, com um sentido cristológico. Essa crítica foi acatada, de imediato, pelos padres conciliares, e o termo ST abandonado. Entretanto, não caiu no esquecimento e, mais tarde, volta à tona,

¹⁷ Ibidem, p. 49.

¹⁸ Ibidem, p. 46.

porém, sob a orientação de que ao ser usado o termo ST, este deveria receber um adendo, uma “cláusula restritiva”. A expressão ST poderia ser articulada. No entanto, teria sempre de ser concluída com a cláusula: “à luz do evangelho”, como que esclarecendo que tipo de análise fora realizada. Contudo, em 6 de outubro de 1964, Paulo VI promulga *Ecclesiam Suam* e diz que se deve “estimular na Igreja a atenção constantemente alerta aos ST e a abertura indefinidamente jovem que saiba verificar tudo e reter o que é bom (1 Tim 5,21), em todo o tempo e em toda circunstância”¹⁹. O termo foi debatido e submetido à apreciação no curso da 105ª Congregação Geral e a grande questão era poder relacionar os ST em seu “sentido originário” com o “presente histórico”. “Jesus ressuscitado inicia a era escatológica — o novo eon, o eon futuro. Ele realizou somente a Epifania, não ainda a Parusia”²⁰. Deveria se tomar os sinais messiânicos, a Ressurreição e a Parusia com prudência e sabedoria profética para então fazer uma leitura dos “problemas do mundo”, já que ficou assinalado “que a Igreja fala do mundo como Igreja, isto é, à luz do evangelho”²¹.

O Vaticano II fez todas essas reflexões sobre as questões temporais num caminho sem muita experiência no que tange à concretude das situações que atravessam a temporalidade, por isso, não conseguiu dar ao mundo a autonomia que lhe é devida. Entretanto, reconheceu em teoria os problemas atuais²². Após muitas e intensas discussões sobre a expressão ST e sua significação, a certa altura, diz Boff, que ao levantar tantas informações na trajetória percorrida pelo termo ST durante o Vaticano II, percebeu-se uma mudança em ambos os lados: “do lado religioso, afrouxando seus laços com a significação evangélica originária; do lado “profano”, aproximando-se do sentido banal que tem o termo ST na literatura corrente (“é o sinal dos tempos”)”²³.

movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche a orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais

¹⁹ Ibidem, p. 55.

²⁰ Ibidem, p. 28.

²¹ Ibidem, p. 56.

²² Cf. Compêndio Vaticano II. *Gaudium et Spes*, n. 36.

²³ Boff, C. *Sinais dos Tempos*. p. 79.

verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus. A fé, com efeito, esclarece todas as coisas com luz nova ²⁴.

A fé é a “luz nova”, na qual o Povo de Deus em convivência com outros homens esforça-se para discernir os acontecimentos dos tempos atuais e tentam enxergar os sinais verdadeiros da presença de Deus. Essa colocação veio do texto de Zurique.

Lembremos que o texto de Zurique trazia explicitamente a expressão “ST”. Aí ela tinha o sentido de “voz de Deus”. Mas devido às críticas de caráter exegético, deixou-se em Ariccia de empregar “ST” e falou-se simplesmente em “discernir nos acontecimentos... de nossos tempos... os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus” ²⁵.

Sinais dos Tempos e sua hermenêutica pelo CVII

	Mundo	Igreja	Divino	Mundo
À luz do Evangelho	Perscrutar os sinais	e interpretá-los	à luz do Evangelho
À luz da fé	Nos acontecimentos de nossos tempos	Discernir	Os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus
	VER	JULGAR		AGIR

²⁴ Cf. Compêndio Vaticano II. *Gaudium et Spes*, n. 11.

²⁵ Katzinger, J., Kommentar. Erster Kapitel des ersten Tells, in LThK. Das zweite vat. Konzil, III. Teil, 1968, p. 312. In Boff, Clodovis. *Sinais dos Tempos*. p. 79.

Além da dificuldade de lidar com os problemas atuais na sua concretude, se gasta grande tempo discutindo muito mais a questão da linguagem, no campo semântico, do que sobre as realidades da vida humana em situações de necessidade. Quando o dever da Igreja Católica seria o de interpretar os ST à luz do evangelho para responder a cada geração de forma adaptada a cada uma delas. Entretanto, nessa fase de estudo e discernimento em que se encontrava a Igreja Católica, dentro de um concílio ecumênico, na busca de caminhos para levar o diálogo além dos muros, ainda não havia convergência a respeito das inúmeras maneiras diferentes de pensar e de agir com relação aos ST.

A questão de método foi, também, grande dificuldade, chegou-se a falar no método indutivo, o qual parte das situações encontradas e não de sentenças definidas, o que, somente tempos depois vai se formalizar em um modo de analisar os “problemas atuais”, sobretudo, na América Latina, onde foi amplamente usado o método do *ver* as realidades, *julgar* à luz do evangelho e *agir* para obtenção do bem comum. Diga-se de passagem, “uma metodologia vinda da Ação Católica (francesa)”²⁶. No entanto, se lermos a Introdução da GS n.4, é notória a seguinte preocupação:

Para levar a cabo esta missão, é dever da Igreja investigar a todo o momento os *Sinais dos Tempos*, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, as eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É por isso necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático.

O que transparece é uma preocupação primeira em dar respostas às questões existenciais e não estruturais ou conjunturais, talvez por estar subentendido que os problemas estruturais nasçam dos desvios de conduta dos seres humanos, da perda dos valores cristãos que poderiam, de certa maneira, garantir a dignidade da vida humana, sobretudo se tratando de um período da história não muito distante do Iluminismo. No entanto, há outras preocupações subjacentes, a GS, ao longo de seu texto, vai desenvolver o termo ST, não na sua introdução, mas em seu corpo de desenvolvimento e interpretará o momento “histórico atual” com o cognome

²⁶ BOFF, C. *Sinais dos Tempos*. p. 80.

“mudança”. Com isso, aparece certa dificuldade para descrever o mundo em sua crueza e concretude, logo será usada uma descrição própria, ou seja, um ver à luz do Evangelho.

Entender as Sagradas Escrituras como apelo da vontade Divina leva o ser humano a olhar para o mundo, discorrer sobre os acontecimentos e fazer propostas à luz do evangelho. A palavra de Deus é performativa como narrado em Gn 1,3-27, Deus disse; “façamos o homem à nossa imagem...” (v.26) e “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher, ele os criou” (v.27). Contudo, através das ações humanas, Deus faz realizar seu projeto de salvação.

É dever de todo o povo de Deus e sobretudo dos pastores e teólogos, com a ajuda do Espírito Santo, saber ouvir, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo, e ajudá-las à luz da palavra de Deus, de modo que a Verdade revelada possa ser cada vez mais intimamente percebida, melhor compreendida e apresentada de um modo mais conveniente.²⁷

Enfim, pode-se compreender que as propostas, as quais a GS se refere são de competência de todo o Povo de Deus, incluso estão, de modo especial, os pastores e os teólogos.

A questão hermenêutica vai perpassar toda constituição, mas já no proêmio, os ST estarão descritos como: “matrimônio e a família, a cultura humana, a vida econômico-social e política, a comunidade internacional e a paz”, mesmo sem a expressão ST ser mencionada. A discussão feita pelo Vaticano II sobre o campo semântico do termo ST ficará entendido ser “eventos históricos marcantes”, que deverão ser vistos e compreendidos à luz da fé, para gerar um agir. Destarte, se junta, então, o que estava sendo discutido em dois blocos, o doutrinal e o pastoral em uma só orientação. Diz o proêmio, mesmo que seja uma percepção das entrelinhas, que os princípios e as luzes que provém de Cristo devem iluminar os problemas do mundo.

O fato de o ST ter dois blocos de discussões, um doutrinal e outro pastoral, surge a necessidade de se tocar na questão do dualismo, pois segundo análise de

²⁷ Cf. Compêndio Vaticano II. GS, n. 44.

Clodovis Boff, a GS não possui homogeneidade discursiva e se “apresenta numa linguagem, ao mesmo tempo doutrinária e prescritiva, dogmática e ética, magisterial e pastoral. GS não se regeria por uma gramática única que lhe conferisse homogeneidade discursiva”²⁸. Pelas dificuldades de o CVII definir a GS como um estatuto dogmático, o documento recebeu o nome de Constituição Pastoral, na qual as modalidades discursivas ficaram subdivididas entre os termos: a) Doutrina / Pastoral; b) ST / Revelação, ou Mt 16,3 / João XXIII. Rahner, por exemplo, não vê a GS como um documento estritamente doutrinal, mas como diretrizes pastorais ao estilo de uma encíclica; pois em seu conjunto é descritiva e “passível de erro”, diferente de um documento conciliar inteiramente “estável e ortodoxo”²⁹. Ademais, afirma Clodovis, a GS não satisfaz, nem em termos de teologia (eclesiologia) e nem em termos de sociologia (análise do “mundo de hoje”). Ela configura um discurso misto, médio e até medíocre sobre a “Igreja” (teologia) no mundo de hoje (sociologia).

Teólogos continuam a contemplar e discernir os ST

A interpretação dos *Sinais dos Tempos* foi discutida durante todo o CVII e ainda traz divergências após cinquenta e quatro anos da abertura do Concílio. O termo ST não desapareceu. No entanto, sua interpretação é bastante diversa. Comblin escreve sobre os desafios dos temas teológicos atuais e diz que “para os movimentos de direita, os tempos são favoráveis para a Igreja” e que a Igreja poderia recuperar o poder que perdeu na modernidade, mas, enfim, essa visão foi transparente apenas no início do pontificado do Papa João Paulo II. A América Latina foi cenário para o surgimento de muitos movimentos, como por exemplo: Opus Dei, os Legionários de Cristo, Movimento de Schönstatt, Focolarinos e outros, os quais medem os ST como “sinais de êxito ou triunfo temporal da Igreja”³⁰.

Segundo análise de Comblin, os ST têm seu ponto crucial na questão do imenso foço aberto nas relações socioeconômicas dos seres humanos viventes na

²⁸ Boff, C. *Sinais dos Tempos*. p. 97.

²⁹ RAHNER, K. Réflexion sur la problématique théologique d'une Constitution Pastorale. In: *L'Église dans le monde de ce temps*. Paris: Mame, 1967, p. 37-42.

³⁰ Comblin, J. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais*. p. 87.

atualidade. O teólogo faz uma crítica à maneira pela qual a Igreja tem se comportado na pós-modernidade. Diz ele: “A hierarquia fez a opção pela burguesia, uma opção clara e definitiva” e com essa preocupação ficam alguns questionamentos sobre que tipo de cristianismo será conduzido pela Igreja Católica. “É verdade que as massas populares se convertem aos pentecostais protestantes, mas as classes populares já não contam no jogo das forças políticas e culturais”³¹. O grande número de pobres e miseráveis pode provocar revolta, então, como os movimentos católicos nascidos da burguesia poderão explicar às futuras gerações a existência de pobres? Seriam capazes de dizer que existem pobres por vontade de Deus? Contudo, “sinais reais” continuam chegando do Vaticano II, embora, muitas reflexões e pensamentos tenham ficado “na geladeira” por, pelo menos, quarenta anos, se considerada a época dessa análise. Diz Comblin (2005): “A burocracia da Igreja está num círculo fechado, indiferente ao que acontece no mundo”³². E acrescenta que a Igreja demonstrara o saudosismo da época da cristandade.

Olhando mais de perto, enxergam-se as imperfeições. O olhar que extrapola os limites da moldura poderá dizer: “uma reflexão teológica é sempre situada, pois acontece na Igreja encarnada no mundo e na história”³³. O ser humano é capaz de compreender a Revelação Divina através de suas categorias humanas e de todas as situações que compõe sua história. E mais, o encontro entre o Divino e o humano para o cristianismo se dá na vida humana, na história. O Filho de Deus se encarna e vive como ser humano. Manzatto (2007) insiste em perguntar para que se reflita, sobretudo, quando se encontram tantas dificuldades em olhar para os problemas do mundo, mesmo depois de cinco décadas do Concílio Vaticano II. Será que, “a tarefa da teologia é falar apenas aos cristãos? Ela não tem uma palavra a dizer sobre o mundo, ou melhor, uma palavra a dizer ao mundo?”³⁴. Uma instituição religiosa voltada para si mesma transmite silêncio em relação ao mundo.

O diálogo da teologia com a ciência é outra questão a tornar-se cada vez mais transparente. Acima de todos os interesses deve estar a valorização da vida. A

³¹ Ibidem, p. 88.

³² Ibidem, p. 90.

³³ MANZATTO, A. “O teólogo, responsável pelo mundo”. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura* – Ano II, n. 10, p. 67, 2007.

³⁴ Ibidem, p. 69.

ciência em geral, bem como a teologia que tem, também, seu cunho científico não deve esquecer a questão da solidariedade, bem como o teólogo (Igreja) não pode fechar-se em si mesmo e desviar o olhar, a fim de não ver os problemas do mundo. O texto da GS em seu número 28 faz entender que o compromisso com as questões do mundo deve ser percebido por todo o povo de Deus, pastores e teólogos. Para isso, João XXIII convocou o CVII para que a Igreja Católica voltasse seu olhar ao mundo e nela e com ela estão os teólogos e suas tarefas. O diálogo da Igreja Católica e da teologia deve, porém, abrir-se ao mundo, não com imposições ou como exercício de poder, lembra Manzatto: “depois de *Gaudium et Spes* a Igreja e a teologia não tem mais o direito de esconderem-se, mas devem levar a sério suas responsabilidades sobre o mundo, já que, em se falando de fé cristã, é o mundo todo que precisa ser salvo”³⁵.

Comblin (2005) vai dizer, no início do século XXI, que “estamos na época da hipocrisia tecnológica e científica”³⁶, ele vê os *Sinais dos Tempos* muito pior em sua atualidade do que na época do Vaticano II, pois, fala-se de solidariedade na sociedade com tamanha hipocrisia ao ponto de fortalecer a hipocrisia política num caminho contrário à verdadeira solidariedade humana. E deixa em seu texto um questionamento: “Por que a Igreja foi tão sensível ao materialismo dos operários e dos socialistas e é tão pouco sensível ao materialismo das burguesias?”³⁷. Por fim, provoca a quem possa se habilitar a procurar por essa resposta. É possível ver na análise de Comblin, sobre as opções da Igreja Católica, fidelidade, pois, ele é capaz de olhar para os ST e atualizar o entendimento do “mistério divino”.

O olhar de Francisco

Como já sabido, pela ocasião da morte de João XXIII, assume o Papa Paulo VI a condução do Concílio Vaticano II e em seu discurso inaugural menciona a necessidade de uma ponte entre a Igreja e o mundo, no que fica subentendido que, se é preciso uma ponte, há dois lados equidistantes que precisam se religar. Se em meados do século XX a Igreja pretendeu abrir-se ao mundo, mesmo que para isso

³⁵ Ibidem, p. 72.

³⁶ COMBLIN, J. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais*. p. 93.

³⁷ Ibidem, p. 94.

tivesse de enfrentar duras linhas conservadoras, felizmente outros setores da sociedade também têm feito isso ao longo da história, às vezes até enfrentando embates com a própria Igreja. Mas a luta por uma causa comum acaba, de alguma maneira, convergindo pensamentos e quiçá até ações. Ottaviani, refletindo sobre a convalescência da Terra, faz uma análise dos ST atualizado para o ano de 2016, com todo o aparato teológico em conversa com o saber filosófico, o excerto abaixo deixa claro o que se pensa hoje sobre os *Sinais dos Tempos*.

A exemplo do médico que detecta em seu paciente células cancerígenas e lhe prescreve quimioterapia e modificação em seus hábitos alimentares, o papa Francisco nos convida a diagnosticar as forças atuantes no corpo da mãe Terra e que, de maneira crescente, vêm lhe causando doenças no solo, na água e no ar (cf. LS, 2); menciona a conferência do Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Bartolomeu I, ministrada no Mosteiro de Utstein (Noruega) em 23 de junho de 2003, segundo a qual se faz necessário para o cuidado de nosso planeta passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha, numa ascese que “significa aprender a dar, e não simplesmente renunciar. É um modo de amar, de passar pouco a pouco do que eu quero àquilo de que (sic) o mundo de Deus precisa. É libertação do medo, da avidez, da dependência” (LS, 9). Em outras palavras, trata-se de prescrever um caminho de convalescença para nossa adoentada casa comum³⁸.

Francisco, antes da Encíclica *Laudato Si'* (LS), escreve a *Evangelii Gaudium* e nela retoma uma questão importante: devemos nos aproximar das ovelhas, como que em referência à menção de Paulo VI sobre a ponte, dizendo que a ponte existe, mas está sendo pouco usada, é preciso atravessá-la, chegar ao outro lado, aproximar-se das pessoas, sentir seu cheiro. O Papa Francisco traduz em gestos seus pensamentos e falas. Em seus escritos há muito dos documentos do magistério, portanto, há respeito e continuidade. A *Evangelii Gaudium* é sua primeira encíclica e nela coloca seu plano de trabalho, deixando explícita sua linha de pensamento no seguinte parágrafo:

Com prazer, aceitei o convite dos Padres sinodais para redigir essa Exortação. Para isso recolho a riqueza dos trabalhos do Sínodo; consultei também várias pessoas e pretendo, além disso, exprimir as preocupações que me movem neste momento concreto da obra evangelizadora da Igreja. Os temas relacionados com a evangelização no mundo atual, que se poderiam desenvolver aqui, são inumeráveis. No entanto, renunciei a tratar detalhadamente esta multiplicidade de questões, que

³⁸ OTTAVIANNI, E. Doença, convalescença e ascese: o que suporta um corpo. Notas sobre o cuidado com a mãe Terra, nossa casa comum. *Revista de Cultura Teológica*, Ano XXIV, n. 87, p. 202-230, jan./jun. 2016.

devem ser objeto de estudo e aprofundamento cuidadoso. Penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo... sinto a necessidade de proceder a uma salutar “descentralização” (EG, 16).

Com isso, Francisco não quer dizer que cada um deva fazer o que quiser, de maneira nenhuma, a Igreja tem um Sumo Pontífice e ele faz uso de sua primeira encíclica para propor algumas diretrizes, que entre sete tópicos relacionados à ação e missão da Igreja no mundo estão: “A inclusão social dos pobres” e “A paz e o diálogo social”³⁹.

A palavra do Sumo Pontífice na EG põe em evidência o caminho percorrido no entendimento dos Sinais dos Tempos, por João XXIII, quando detectou, nas décadas de 50 e 60 do século XX, as “guerras sangrentas, ruínas espirituais, progresso científico” e chamou de sinais. Já no século XXI, no início da segunda década, 2013, o Papa Francisco atenta para os sinais do mundo e seus problemas atuais e faz propostas concretas a toda Igreja Católica. Ele, Francisco, contempla o mundo ao vê-lo, discerne o que propõe à luz da Palavra de Deus, pois exprime que o princípio da misericórdia parte de Jesus Cristo e age no mundo. Ele chega a usar até de neologismos para dar rumo às ações da evangelização com foco nos problemas atuais, haja vista todo o envolvimento dele com a questão dos refugiados. “A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam”⁴⁰. Os verbos da nova evangelização: primeirear; envolver-se; acompanhar; frutificar e festejar faz lembrar o velho método Ver, Julgar e Agir. Francisco demonstra com ações o que traduz misericórdia em resposta ao clamor dos problemas concretos do mundo.

O Papa Francisco que vem da América Latina, após colocar sua proposta de trabalho em linha com o cuidado à pessoa humana em sofrimento, motiva toda a Igreja Católica a aproximar-se daqueles que perderam a alegria. Francisco em sua contemplação não faz interrupções, continua a olhar para o mundo e a identificar nele problemas atuais. Em 2015, por ocasião da comemoração dos cinquenta anos de Vaticano II, escreve a encíclica *Laudato Si*. Desta vez o Papa vai além, e aponta

³⁹ Cf. *Evangelii Gaudium* n. 17.

⁴⁰ *Evangelii Gaudium* n. 24.

coisas novas para o futuro, auxilia a reflexão sobre *ecologia integral*, numa visão articulada mostra a importância da relação, o todo está relacionado à parte e a parte está relacionada ao todo. Num método de conjunção e disjunção — separa para ver a particularidade e depois integra —, para se enxergar o todo. Vale lembrar que Papa Francisco está em comunhão com o que outros papas predecessores já haviam constatado.

Francisco resgata o cântico de São Francisco de Assis para mostrar a necessidade de ações holísticas, entrelaçamentos que favoreçam a vida. Ele fala de um coração humano ferido pelo pecado que provoca a violência, ele não podia ser mais claro ao se referir aos problemas do mundo, pois essa violência desencadeia uma enormidade de ações que matam a vida, essa mesma vida que foi salva por Deus, em sua encarnação, essa mesma vida, para qual a salvação foi trazida por um crucificado, ressuscitado, elevado ao céu por Deus-Pai e que enviou seu Espírito Santo para animar, defender, dinamizar a vida na casa comum⁴¹.

Francisco faz memória, nos primeiros números da *Laudato Si*, sobre a preocupação da Igreja com as coisas do mundo e começa por citar João XXIII com “sua mensagem *Pacem in Terris* a todo o mundo católico” e a homens e mulheres de boa vontade. Em 1971, Paulo VI pronunciou-se sobre os problemas ecológicos, colocando-os como consequência do uso desordenado dos recursos naturais pelo ser humano e ressalta a “necessidade urgente de uma mudança radical no comportamento da humanidade”, pois os avanços tecnológicos e científicos podem se voltar contra o próprio homem, se não estiverem alinhados ao “progresso social e moral”. Mais tarde, em 2001, o Papa João Paulo II, hoje santo da Igreja Católica Apostólica Romana, faz um convite para uma “conversão ecológica global”. Por fim, Francisco cita seu predecessor, Bento XVI, que mostra, também, sua preocupação com a casa comum e tudo que nela existe e subsiste, “porque o ‘livro da natureza é uno e indivisível’, incluindo, entre outras coisas, o ambiente, a vida, a sexualidade, a família, as relações sociais”⁴².

⁴¹ Cf. *Laudato Si* n. 2. “...entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (Rm 8,22). Esquecemo-nos que nos mesmos somos terra (cf. Gn 2,27).

⁴² *Laudato Si* n. 3-6.

Francisco, enquanto Sumo Pontífice, relembra seus antecessores e reafirma sua linha de pensamento, dizendo que já havia se dirigido aos membros da Igreja na *Evangelii Gaudium*, a fim de propor uma reforma missionária ainda pendente, e que na *Laudato Si*, se dirige a cada pessoa que habita o Planeta Terra para lhes falar sobre “deterioração global do ambiente”. Com isso, podemos afirmar que a expressão Sinais dos Tempos percorreu um caminho de ressignificação, sem ter de ser usada tal e qual os evangelhos, mas com sua força trouxe à luz os problemas atuais, os quais pertencem a muitas categorias. A evangelização, esta que a Igreja Católica tem como missão, obedecendo ao mandato: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,19-20). Anunciar a boa nova do evangelho tem sua dimensão social, uma vez que o destinatário da evangelização é a pessoa humana. O cunho antropológico não se exime do social. Papa Francisco cita Bento XVI ao falar dos destinatários do Evangelho de Jesus Cristo: “Hoje e sempre, “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer”⁴³. Francisco faz transparecer que sua encíclica discute as realidades dos ST ao citar explicitamente o termo através de Paulo VI, no parágrafo 51 da EG, dizendo: “animo todas as comunidades a ‘uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos’”.

A hermenêutica e o discurso

Michel Foucault, em 2 de dezembro de 1970, em uma aula inaugural no *Collège de France*, pronunciou-se sobre “A Ordem do Discurso”, que trata-se de ideias que podem ajudar nessa reflexão sobre a trajetória dos ST, enquanto expressão. Foucault traz uma profunda reflexão sobre o discurso perfeito e o discurso por verossimilhança, ele faz um caminho (método) desde a Grécia antiga, quando o discurso perfeito era o discurso da verdade até a contemporaneidade com o discurso que se transformou, da vontade de verdade para a vontade do saber. Evidentemente, este artigo não tocará em todos os pontos.

⁴³ Bento XVI, Discurso durante o encontro com o Episcopado Brasileiro (Catedral de São Paulo – Brasil, 11 de maio de 2007), 3: AAS99 (2007), 428 in *Evangelii Gaudium* n. 48. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 11, n. 2, p. 483-507, maio/ago. 2019

Foucault refere-se a “três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade”⁴⁴. O procedimento de exclusão passa por um controle da sociedade, o primeiro elemento é o da interdição: não se pode falar o que se quer, onde se quer e em qualquer circunstância. Há sempre muitos crivos, e duas das regiões mais complexas são nos discursos sobre sexualidade e política, cujo desenrolar não alcança suas finalidades puras, mas esbarram nas questões do poder. Talvez essa necessidade de controle venha para defender-se do poder que o próprio discurso possui. Foucault afirma que o discurso não é apenas a transmissão do desejo, seja manifestação ou ocultamento do objeto do desejo, mas o próprio objeto do desejo. O discurso passa a ser a própria luta a qual defende, ele mesmo se torna a matéria da qual seria apenas o instrumento de transmissão.

A separação é outro princípio de exclusão em oposição: razão e loucura. Se naquele não se pode falar livremente como e quando se deseja, neste o discurso é permitido, porém não se dá a ele a mesma validade que se dá aos outros, é o discurso do louco. Por um lado, o louco pode dizer o que quiser... é louco, não se leva a sério, não serve como testemunha num tribunal, nem tampouco assina contratos civis. Então, o louco pode dizer o que quiser, não há censura, pode profetizar e até parecer ingênuo diante dos outros, os quais são possuidores de sabedoria. Por outro lado, o discurso do louco situa-se na separação, não é crível, difere-se do discurso dos demais. Entretanto, por vez, podia ser decifrada uma razão dentro da ingenuidade, a qual poderia trazer uma sabedoria, como o teatro, que representa uma “verdade mascarada”.

Contudo, é na palavra do louco que se reconhece a loucura, seu discurso se coloca na separação. No entanto, esta é uma visão do passado, estaria talvez em oposição ao hoje contra outra concepção, de que a palavra do louco não seria tão nula assim e ela poderia nos levar a uma reflexão, que estaria nos nossos próprios discursos, nas nuances daquilo que nos escapa, isto porém não quer dizer que a separação tenha deixado de existir, pois a instituições que faz a escuta do louco hoje, o faz com parâmetros de interdição. “Se é necessário o silêncio da razão para

⁴⁴ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*, p. 18.

curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece”⁴⁵.

O terceiro princípio do sistema de exclusão, a oposição do verdadeiro e do falso, seria algo muito arriscado a se discutir, quando levado em conta que no âmbito interior do discurso não haveria esta oposição. Porém no exterior dele sim, e que há séculos se lida com esta separação: *vontade de verdade e vontade do saber*. Para os gregos do século VI a.C, o discurso perfeito era o verdadeiro, ou seja, era o discurso pronunciado, exclusivamente, por quem de direito, logo era instituído de respeito e conforme ritual. O discurso verdadeiro era pronunciado no tribunal como forma definitiva e também proferido na profecia que não apenas anunciava o futuro, mas conseguia adesão para que o feito se realizasse. No entanto, um século mais tarde surge uma divisão entre Hesíodo e Platão e o que era absoluto se estabelece em discurso verdadeiro e discurso falso.

A verdade não estava mais no ato ritualizado e eficaz, mas no enunciado, no seu significante e no seu significado, doravante o discurso não estaria mais destinado ao exercício do poder, pois se deslocara para o próprio enunciado. No século XIX vão se encontrar, talvez, novas formas de vontade de verdade que não coincidem com a vontade de saber. A vontade de saber deslocou-se para as áreas observáveis e mensuráveis, ver e verificar, não mais ler e comentar. Destarte, a partir do século XIX, outras ciências — sociologia, psicologia, medicina, psiquiatria passaram a dar suporte ao sistema penal, que apesar de ser um “conjunto prescritivo”, não mais bastava um discurso perfeito — vontade de verdade — como se a palavra da lei não fosse mais suficiente. Mas, segundo Foucault, esse deslocamento do ler e comentar para o ver e verificar trouxe grandes mudanças para a sociedade e para as instituições,

Há, sem dúvida, uma vontade no século XIX que não coincide nem pelos domínios de objeto aos quais se dirige, nem pelas técnicas sobre as quais se apoia, com a vontade de saber que caracteriza a cultura clássica [...] por volta do século XVI e do século XVII (na Inglaterra sobretudo), apareceu uma vontade de saber que, antecipando-se a seus conteúdos atuais, desenhava planos de objetos possíveis, observáveis, mensuráveis, classificáveis: uma vontade de saber que impunha ao sujeito cognoscente (e de certa

⁴⁵ *Ibidem*, p. 13.

forma antes de qualquer experiência) certa posição, certo olhar e certa função (ver, ao invés de ler, verificar, ao invés de comentar [...])”⁴⁶.

Toda essa mudança de mentalidade exposta por Foucault mostra *Sinais dos Tempos*, a sociedade passou por um processo de mudança de ótica e o século XX chega com grandes avanços tecnológicos para a época, com estes, ações e reações, atos e consequências para a humanidade. A questão de hermenêutica e definição teórica do que se poderia fazer com a expressão ST, após grandes estudos e discussões, não ficou estabelecida durante o Concílio Vaticano II. Os padres conciliares, por sua vez, que não tinham a obrigação de fazer estudos semânticos, gramaticais e de análise de discurso, para que se definisse o termo e não caísse em generalizações, fizeram então uma leitura de caráter pastoral e isso lhes bastou. Por outro lado, estudos foram feitos por diversas áreas da teologia e discutido em aulas, durante o tempo que durou o Vaticano II e isso serviu como base para a elaboração da *Gaudium et Spes*.

Obviamente, foram encontrados sentidos diversos para o termo ST, durante o tempo da exposição e discussão. No entanto, quatro deles ficaram muito evidentes no decorrer do estudo. 1) ST = Jesus Cristo, sentido exegético, escatológico-messiânico (cf. Mt 16,3); 2) ST = eventos históricos, sentido teológico, indicadores da história de Deus (mistério), no qual se articula o VER, JULGAR e AGIR como método; 3) ST = problemas da era moderna, sentido de indicar “problemas da era moderna” ou “questões de ordem temporal”, uso corrente da linguagem eclesial a partir de João XXIII. *Sinais dos Tempos* é o nome religioso usado para os fatos históricos; 4) ST = usado pelo mundo para designar um fato qualquer que seja significativo. O sentido foi vulgarizado e usa-se para expressar um fato muito curioso e, por vezes, sem muita explicação. Este último sentido não foi usado pelo Concílio, porém, constantemente usado no cotidiano das pessoas, no mundo⁴⁷.

Segundo Boff, “a questão aqui não são os termos em si, mas a relação entre eles, ou seja, sua articulação”. Talvez, a grande dificuldade de articulação esteja embrenhada no passado, citando Giuseppe Alberigo, por exemplo, há duas diferentes teologias eclesiológicas subjacentes na *Gaudium et Spes* e na *Lumen*

⁴⁶ *Ibidem*, pp. 15-16.

⁴⁷ Cf. BOFF, C. *Sinais dos Tempos*. p. 93-94.

Gentium, esta “tem um cunho mais bíblico e sacramental”, aquela “permanece ainda ligada a uma “eclesiologia jurídico-societária” — a da Igreja como *societas perfecta*”. A GS carrega um caráter mais “sociológico-descritivo”, com isso a GS acaba não satisfazendo plenamente nem “em termos de teologia (eclesiológica) e nem em termos de sociologia (análise do “mundo de hoje”)” o que “configura um discurso misto, médio e até medíocre sobre a “Igreja” (teologia) no mundo de hoje (sociologia)”⁴⁸.

Conclusão

A trajetória do termo ST vai além da fase de elaboração da GS. A expressão ST causou, também, análises posteriores. Na verdade, a expressão foi motivo de estudo antes, durante e depois do Concílio Vaticano II. Sobre o caráter “pastoral” do documento, Rahner vê a GS próxima à categoria de encíclica social, não restrita à doutrina estável da ortodoxia, mas com diretrizes pastorais de cunho “passageiro e passível de erro”⁴⁹. Ratzinger afirmou que “ainda não temos regras de hermenêutica kerigmática”⁵⁰, ainda assim, o Vaticano II deixou claro que, a “Igreja, embora fiel ao testemunho da Escritura, devia ser a ‘Igreja do presente’”. E Rahner passou a tese de que se há o desejo de fazer pastoral é preciso analisar qual e onde está a necessidade de determinada ação. Evidentemente, que esta tarefa não se encontra no “depósito da fé”, mas será preciso um trabalho humano – teológico e eclesial. Todavia, a “Igreja disporia da assistência carismática do Espírito”⁵¹.

Contudo, a articulação entre a exegese de Mt 16,3 em relação aos ST e o uso desta mesma expressão por João XXIII, referindo-se aos problemas do mundo, passa pelo julgamento do Vaticano II no sentido de que a Igreja Católica deveria ser a “Igreja do presente”, como já dito acima. Mas sem perder a dimensão do passado como testemunha das Escrituras, ou seja, a Igreja Católica deve articular o aspecto “cristológico e cronológico” do passado com o aspecto “pneumatológico e

⁴⁸ BOFF, C. *Sinais dos Tempos*. p. 99-100.

⁴⁹ RAHNER, K. Réflexion sur la problématique théologique d'une Constitution Pastorale. In: *L'Église dans le monde de ce temps*. Paris: Mame, 1967, p. 37-42.

⁵⁰ RATZINGER, J. Das Zweite Vatikanische Konzil – Lumen gentium: kommentar. In: *Lexikon für Theologie und Kirche [LThK]* t. III. Freiburg: Herder, 1968, p. 313-314

⁵¹ RAHNER, K. op. citatus p. 31-32.

kairológico do presente”⁵². Clodovis sugere que se fossem colocados em uma fórmula os quatro dualismos descritos acima, ter-se-ia o VER os ST, a Situação e o Natural; o JULGAR à luz da Revelação, da Doutrina e do Sobrenatural; o AGIR na Pastoral, na Práxis e na Vivência.

Enfim, a hermenêutica da expressão *Sinais dos Tempos* estudada e trabalhada na tessitura da GS, a abordar os problemas do mundo, correu pela história. E os Padres conciliares talvez não pudessem nem de longe imaginar que em algumas décadas, um Papa poderia escrever uma Encíclica totalmente dedicada aos problemas atuais, como fez Papa Francisco na encíclica *Laudato si'*. . Com isso, falar ao mundo sobre os problemas que estão no mundo causados pelo humano, o qual negligenciou o cuidado com a casa comum. Percebe-se no estudo desse termo ST que ele é uma expressão que, literalmente, perpassa os tempos, haja vista a citação que o Papa Francisco faz para abrir sua Encíclica. “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”⁵³. A preocupação que São Francisco de Assis deixa transparecer não poderia ficar somente no âmbito da natureza, pois, seu discurso é para e sobre o mundo.

O mundo, a casa comum ou o planeta, tem todas as relações entrelaçadas, tanto as humanas, como de toda a criação. Logo, as dimensões religiosas, sociais e econômicas não são instâncias estanques. E ainda, os discursos internos dificilmente se mantêm sem a influência do mundo hodierno. Contudo, o fenômeno da globalização interligou as sociedades através da comunicação praticamente instantânea. Os *Sinais dos Tempos*, e agora abordado com o sentido número três, citado acima, são comunicados pelas mídias não importando a que esfera da sociedade pertence a notícia. Papa Francisco, o temporal do agora, líder máximo da Igreja Católica, esta que é conduzida pelo Espírito do Cristo e a partir Dele, é capaz de aproximar o evangelho ao mundo, de romper preconceitos com gestos e ações, na busca de uma Igreja proativa, capaz de enxergar os *Sinais dos Tempos*.

⁵² RATZINGER, J. opus citatus p. 313-314.

⁵³ Cântico das criaturas: Fonti Francescane, 263, apud:*Laudato Si'* n. 1.

Referências

- BOFF, C. *Sinais dos Tempos: princípios de leitura*. São Paulo: Edições Loyola, 1979.
- FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2015.
- COMBLIN, J. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo: Paulus, 2005.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*. In: *Compêndio do Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 2ª. ed. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio*. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MANZATTO, A. “O teólogo, responsável pelo mundo”. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura* — Ano II, n. 10, p. 67, 2007.
- OTTAVIANNI, E. Doença, convalescença e ascese: o que suporta um corpo. Notas sobre o cuidado com a mãe Terra, nossa casa comum. *Revista de Cultura Teológica*, ano XXIV. n. 87, p. 202-230, jan./jun. 2016.
- RAHNER, K. *Réflexion sur la problématique théologique d'une Constitution Pastorale*. In: *L'Église dans le monde de ce temps*. Paris: Mame, 1967, p. 13-42.
- RATZINGER, J. *Das Zweite Vatikanische Konzil – Lumen gentium: kommentar*. In: *Lexikon für Theologie und Kirche [LThK]* t. III. Freiburg: Herder, 1968, p. 313-314.
- RICOEUR, P. *A hermenêutica bíblica*. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RECEBIDO: 07/05/2019
APROVADO: 08/05/2019

RECEIVED: 05/07/2019
APPROVED: 05/08/2019